

Inovação na Amazônia depende da fixação de pesquisadores

Com o tema 'Educação e cultura para formação de cientistas e inovadores nos trópicos', a mesa-redonda 2, do 3º Encontro Preparatório para o Fórum Mundial de Ciência 2013 despertou, na tarde da última quinta-feira, 29/11, o interesse de pesquisadores para questões transversais da educação para o desenvolvimento social, econômico e cultural da região amazônica.

Segundo a professora e doutora em Educação, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Arminda Mourão, quando se pensa na formação de pesquisadores na Amazônia é necessário fugir de algumas tendências mundiais que não atendem aos anseios da região. Para tanto, o primeiro passo é entender a região para que se financie ciência e tecnologia de forma diferenciada, pautada na revisão dos processos educacionais, como forma de transformação social.

“O governo brasileiro deve otimizar o financiamento da ciência nas universidades brasileiras, para que se tenha maior atenção para a questão da inovação, principalmente, investimentos na área de recursos humanos, porque se não tivermos a fixação de doutores, mestres e especialistas aqui, não haverá inovação, comprometendo o desenvolvimento da região”, ressaltou Mourão.

A pesquisadora salienta que deve haver essa preocupação na fixação de recursos humanos qualificados na região, que deve estar conciliada a um conjunto de investimentos, que faça com que a região cresça. Ela acrescenta também a formação de pesquisadores e do professor pesquisador no sistema de ensino, respeitando a diversidade e o conhecimento dos povos tradicionais, para que se possa construir ciência e tecnologia, consideradas um grande desafio para uma Amazônia continental.

DIVERSIDADE



Foto: Ag.Fapeam

Para a doutora em Antropologia e Linguística e pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Ana Carla Bruno, a mesa-redonda propiciou uma discussão ampla sobre a temática proposta. Carla Bruno acredita que ao discutir Educação, Ciência e Inovação na Amazônia, primeiramente, é necessário entender a diversidade da região. Há muita discussão sobre a diversidade da Flora e Fauna, entretanto, não se pensa na diversidade cultural.

Segundo ela, existem grupos sociais isolados na Amazônia e os aculturados, os quais mantêm a língua e a cultura preservados, entretanto ambos têm sede de aprender e ensinar. “Nesse sentido, o pesquisador, o cientista ou o professor devem atentar sobre a diversidade cultural e estar preparado para lidar com esse universo riquíssimo que ocorre na Amazônia, observando a relação desses grupos sociais junto à natureza e à cultura. O grande problema da ciência, fazendo referência a essa questão, é a separação

EVENTO

Postado em 30/11/2012

desses dois elementos”, completou a pesquisadora.

Outro foco abordado na discussão foi a aproximação da academia junto às empresas, principalmente, as do Polo Industrial de Manaus (PIM). Segundo o representante da Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Fucapi), Niomar Pimenta, vivemos em sociedade pressupondo que o desenvolvimento econômico está sustentado no conhecimento proveniente da academia, em que essa tem base no desenvolvimento tecnológico, alavancando a competitividade no mundo global”, afirmou.

Pimenta finalizou dizendo que “o que se defende na região, a partir da ciência como o uso da biodiversidade amazônica, seja também um instrumento de produção de riqueza econômica por meio das empresas que usem produtos desenvolvidos a partir das inovações tecnológicas”, disse.

Fonte: Agência Fapeam, por Sebastião Alves